

Teoria do Conhecimento

Profª Marisete Malaguth Mendonça
Gr. XXIV de Especialização em GT-Módulos
Data: 26 de Outubro de 2012

EMPIRISMO E RACIONALISMO

Resumido de Ricardo Ernesto Rose

Prof. Licenciado em Filosofia

E adaptado e ampliado pela Profª Marisete Malaguth Mendonça

Índice

Introdução

Racionalismo e Empirismo

A solução de Kant

Bibliografia

1. O Problema do Conhecimento

- O problema do conhecimento sempre ocupou a maioria dos filósofos.

O tema já era tratado pelos pensadores pré-socráticos

que foram divididos entre racionalistas (o saber tinha origem no Sujeito) e empiristas (do Objeto vem o saber. Não há saber sem a experiência empírica), de acordo com a maneira como abordavam o assunto

2. Racionalismo e Empirismo

representam visões opostas na maneira de explicar como o homem adquire conhecimentos.

Parmênides (cerca de 530 -460 a.C.) e os pitagóricos (século VI a.C.)

concordam que além do conhecimento empírico existe também o racional, e é somente este último que efetivamente tem valor absoluto

Os sofistas Protágoras (480 a.C. -410 a.C.) e Górgias (480 a.C.375 a.C.), por outro lado, reconhecem somente o conhecimento sensível.

Como estes sofistas sabiam que as experiências eram falhas e que não eram as mesmas para todo e qualquer indivíduo, eles concluíram pela relatividade do conhecimento, o que os permitiu afirmar que “o homem é a medida de todas as coisas”, negando qualquer conhecimento necessário e universal.

3. Um importante racionalista

Avançando mais no tempo, encontramos a filosofia de Platão (427 a. C.- 347 a. C.), cujo pensamento é classificado como racionalista.

A verdade: princípios eternos no mundo das idéias

O grande filósofo ateniense afirmava que para chegar à verdade era preciso ultrapassar os dados da experiência, falhos e mutáveis, e alcançar o mundo da Idéias: princípios eternos e perfeitos.

Afirmava que antes de viver neste mundo as almas humanas habitavam o mundo das Idéias e ali conheciam o Bem, o Belo, as Proporções e muitos outros princípios ou modelos

Ao nascerem em corpos humanos, as almas esqueciam o que haviam vislumbrado neste mundo superior. Somente através de uma ascese e da atividade filosófica é que as Idéias poderiam ser lembradas.

A base de todo o mito é que existem conceitos que são inatos ao ser humano (como a Razão, o Bem, a Justiça, etc.), os quais precisamos apenas recordar.

Este argumento de Platão, foi depois incorporado de diversas formas à filosofia pelos pensadores racionalistas. Esta é a Tese inatista

(Inatismo (o fato destes conceitos serem inatos, de já nascermos com eles)

Argumento a favor do Inatismo

É a capacidade de realizarmos operações matemáticas. Segundo os racionalistas, não havia como aprender conceitos e raciocínios matemáticos pela experiência; estes deveriam ser inatos

. O mais famoso exemplo desta argumentação é apresentado em um dos diálogos de Platão, no "Menon".

Neste diálogo, Sócrates inicia uma conversa com um jovem escravo, que passava pelo local onde o filósofo confabulava com alguns amigos.

Fazendo uma série de perguntas dirigidas, Sócrates consegue que o escravo realize diversos raciocínios matemáticos e geométricos, sem que nunca antes tivesse estudado estas ciências.

Com esta história Platão queria provar que certas idéias matemáticas eram inatas, já que com elas tínhamos tido contato no mundo das Idéias.

4. A álgebra e a geometria se desenvolveram

Por outro lado sabemos por dados históricos e arqueológicos que a álgebra e a geometria sofreram um lento desenvolvimento desde a contagem de dias, registrados em ossos há mais de 15.000 anos, até as técnicas desenvolvidas para observação dos astros, construção de canais, medição de terras, construção de templos e comércio, pelas grandes civilizações do Oriente Médio, Ásia e Mesoamérica

Nota: A região da Mesoamérica se estende do Sul do México aos territórios da Guatemala, El Salvador, Belize, Panamá, Honduras e Costa Rica

Tudo isto foi o resultado de um lento aprimoramento de certos conceitos e práticas por força das necessidades econômicas, a princípio bastante simples e elementares

5. Desenvolvimento não é contrário a inato

Mas o fato de o raciocínio matemático ter se desenvolvido pode até servir de argumento a favor do inatismo, pois este se desenvolveu é porque o homem nasceu com as estruturas que possibilitam a criação matemática (MM)

6. A hegemonia do empirismo na Grécia

Aristóteles (384 a.C.-322 a. C), discípulo de Platão, tinha uma posição diferente de seu mestre. Defendia que a observação era a atividade básica para poder entender o mundo.

Em outras palavras, dizia que dos dados empíricos podiam-se tirar conclusões e destas criar regras que explicassem o funcionamento da Natureza.

O fundador das Ciências

Com esta maneira de interpretar os dados da experiência, Aristóteles tornou-se o fundador de diversas ciências e um dos maiores representantes do empirismo (também chamado de realismo).

Foi seguido pelos outros filósofos

Após Aristóteles, a maioria dos filósofos do período helênico seguiria a orientação empirista.

7. A utilidade dessa filosofia

Mesmo porque, estas correntes filosóficas eram voltadas para temas práticos, como a ética e a física e pouco um pensamento mais sutil, como a metafísica (por exemplo, a questão do SER).

Este pensamento antecipou-se ao pensador inglês John Locke em quase dois mil anos, afirmando que a alma humana não continha qualquer tipo de idéia inata no nascimento, e que todo desenvolvimento posterior era resultado da experiência através dos sentidos.

8. Escolas Empíricas Gregas:

O Epicurismo

Outra corrente bastante importante e com uma orientação empirista foi o Epicurismo, fundado por Epicuro de Samos (341 a.C.271 a.C.), para quem todo o conhecimento provinha das sensações, causadas pelos átomos.

O Ceticismo

A última escola de pensamento empirista da Antiguidade foi o Ceticismo, fundado por Pirro de Elis (360 a.C. -c. 270 a.C)

Desta, o maior representante foi Sexto, cognominado de “O Empírico”

Ou Sexto Empírico, um médico e filósofo grego que viveu entre os séculos II e III a.C..

(Em grego: *Séxtos Empeirikós*; em latim: *Sextus Empiricus*)

Seus trabalhos filosóficos são um dos melhores exemplos do ceticismo pirrônico e fonte da maioria dos dados referentes a essa corrente, opondo-se à astrologia e outras magias.

9. Os Céticos duvidavam da possibilidade do conhecimento

- Os céticos partiam do pressuposto de que a base do conhecimento eram os sentidos, que, no entanto, não eram dignos de confiança.

Sendo assim, afirmavam que nada se poderia conhecer verdadeiramente e que a cada afirmação era possível contrapor uma afirmação contrária.

10. A Idade Média:

volta o RACIONALISMO

Durante grande parte da Idade Média, pelo menos até o século XIII, a filosofia dominante teve uma orientação racionalista.

Filosofia neoplatônica: isto se deve principalmente à grande influência exercida pela filosofia neoplatônica (século III d.C) sobre vários pensadores dos primeiros séculos da nossa era

Dentre estes filósofos estava Santo Agostinho (354 -431), que com sua obra moldaria toda a teologia e filosofia medieval

Os conceitos de Idéias, elaboradas por Platão, foram substituídas por conceitos como Deus, Alma e Bem,

11. A volta do Empirismo

A partir do século XII, com os freqüentes contatos com a cultura árabe, o ocidente cristão toma conhecimento das obras de Aristóteles.

Começou a ser lido pelos teólogos; os escritos do filósofo grego que tinham desaparecido da cultura ocidental por longo tempo, passariam a exercer uma grande influência sobre os teólogos da Igreja.

Todavia, chegaram a ser proibidos, para depois adquirirem plena aceitação após terem sido incorporados á filosofia cristã por São Tomás de Aquino.

12. São Tomás de Aquino

não era um pensador empirista, mas acreditava que esta tendência filosófica não excluiria a fé.

Ele uniu Racionalismo e Empirismo:

Segundo Tomás, o conhecimento pode abstrair de cada objeto individual a sua essência, sua forma universal (empirismo unido ao racionalismo)

A síntese medieval

“No que se refere à ciência e à filosofia, a síntese medieval culminou com o sistema abrangente de Tomás de Aquino.

13. O Renascimento

O Renascimento inauguraria uma nova mentalidade, uma maneira diferente de enxergar o universo, já bastante influenciada pelo princípio de desenvolvimento das ciências naturais.

Ou seja, novas descobertas foram feitas empiricamente, baseadas na observação dos fenômenos da natureza, como já ensinava Aristóteles.

Neste ambiente cultural o empirismo e o racionalismo moderno se desenvolvem.

Francis Bacon (1561-1626).

Um dos grandes precursores do empirismo – e por sinal também um dos ideólogos do moderno método científico

Dizia ele que todo conhecimento tinha que ser baseado em dados da experiência.

As informações, no entanto, deveriam ser reunidas e utilizadas de acordo com um método, de modo a possibilitar fazer inferências cientificamente aproveitáveis (daí a criação do método experimental)

Os sucessores intelectuais de Bacon foram os empiristas ingleses, entre os quais John Locke (1632-1704),

O ponto de partida das investigações destes filósofos não foram os problemas do ser, mas do conhecer. Enquanto filósofos do universal, os racionalistas encaram o problema do conhecimento a partir das ciências exatas, os empiristas voltam-se para as ciências experimentais.

O próprio ambiente cultural e sócio-econômico da Inglaterra da época coopera para o Empirismo, já que ocorria um grande florescimento das ciências – botânica, astronomia, química, mecânica, etc.

Seguindo a linha de raciocínio das ciências experimentais, o empirismo parte de fatos, eventos constatados pela experiência.

A mais famosa tese do empirismo, desenvolvida por John Locke, é a da tábula rasa.

Com este conceito o filósofo queria dizer que ao nascermos não temos nenhum princípio ou idéia inata e tudo que aprendemos e processamos em nossa mente provêm das experiências feitas durante a vida

- (“Nada existe na mente que não tenha passado pelos sentidos”)

14. Questão epistemológica

Agindo assim, chega à seguinte problemática epistemológica: como, partindo da experiência sensível, é possível chegar às leis universais?

A solução encontrada pelos filósofos empiristas foi a de que partindo do pressuposto de que todo o conhecimento é originário da experiência

Conclui-se pela Incerteza

conclui-se que mesmo as idéias abstratas e as leis científicas têm a mesma incerteza, instabilidade e particularidade do conhecimento empírico.

15. Na Idade Moderna

René Descartes (1596-1650)

A escola racionalista, inaugurada por René Descartes (1596-1650), tem um posicionamento diferente em relação à maneira como é adquirido o conhecimento.

- René Descartes foi um filósofo e matemático francês, hoje considerado um dos principais pensadores da filosofia moderna

Duas das suas principais obras são o *Discurso do Método* e as *Meditações Metafísicas* (ou *Meditações sobre a Filosofia Primeira*).

Os problemas do conhecimento ocupam um lugar central na filosofia deste pensador.

16. O conhecimento é possível

Opondo-se ao Ceticismo, Descartes entende que o conhecimento verdadeiro é possível se a razão humana proceder metodicamente, fazendo uso de princípios racionais e prescindindo de quaisquer dados empíricos

17. O Método: a dúvida metódica

Deste modo, o seu modelo de conhecimento assenta sobre o rigor do modelo matemático (admitindo o carácter de certeza, universalidade e simplicidade das verdades matemáticas).

Para Descartes, um conhecimento só é absolutamente certo se for evidente (claro e distinto), propondo assim a evidência como critério verdade para a distinção do verdadeiro relativamente ao falso (mas a evidência racional=MM)

Equivalendo a evidência à *absoluta certeza* e à ausência de dúvida (*indubitabilidade*), faz da dúvida um procedimento metodológico da constituição do conhecimento verdadeiro: duvidando de todos os nossos conhecimentos (desde os dados dos sentidos até às próprias verdades matemáticas) será possível identificar aqueles que resistem à dúvida.

Daí a dúvida cartesiana não ser considerada uma dúvida céptica (decorrente da crença na impossibilidade de constituição de quaisquer conhecimentos certos e verdadeiros), mas uma dúvida metódica:

partindo da crença na possibilidade de constituição de conhecimentos certos e verdadeiros, a dúvida é um instrumento de identificação dos mesmos.

A dúvida permitirá, deste modo, encontrar os princípios indubitáveis do conhecimento, a partir dos quais poderão ser rigorosamente deduzidos todos os restantes conhecimentos.

18. O primeiro princípio encontrado por Descartes

com carácter de indubitabilidade é a ideia de Cogito, de eu pensante.

Mesmo que todos os seus conhecimentos sejam duvidosos ou errados,

não pode duvidar de que está a pensar e que, como tal é uma coisa pensante: res cogitans

cogito ergo sum

se pensa (quer o faça com correcção ou com erro), então é ou existe enquanto tal, enquanto ser pensante.

A ideia de Cogito é, assim, uma ideia inata, que não derivou dos sentidos e é descoberta pela razão humana fazendo uso de um método racional. Tal ideia é indubitável e, como tal, é evidente, o que equivale a dizer que é verdadeira.

Usando o mesmo princípio

- *A partir do princípio encontrado na ideia de Cogito, será possível encontrar outras ideias inatas, como a ideia de Deus e de Mundo.*
- *A garantia de que conhecimentos anteriormente afastados ou suspensos pela dúvida podem ser recuperados com caráter de evidência, desde que devidamente deduzidos a partir das ideias inatas.*

A ideia de Deus

Descartes entende que, sendo o homem um ser imperfeito, não poderá ser a razão humana a criadora da ideia de perfeição

e que tal ideia se encontra presente desde sempre na razão humana.

Então a ideia de perfeição que é Deus é uma ideia inata, evidenciando a existência de Deus

1. o ambiente hostil e ameaçador da sobrevivência

Vivendo em um ambiente diferente dos empiristas, assolado por guerras (Guerra dos 30 anos de 1618 a 1648) e perseguições religiosas (Massacre de São Bartolomeu em 1572), os filósofos racionalistas foram mais apegados a conceitos imutáveis, como os das ciências teóricas (matemática e geometria).

Para os filósofos racionalistas, cujo representante principal foi René Descartes, é necessário descobrir uma metodologia de investigação filosófica sobre a qual se pudesse construir todo o conhecimento.

A resposta a esta questão, encontrada por Descartes, foi que o conhecimento válido não provém da experiência, mas encontra-se inato na alma.

Em relação ao método para atingir este conhecimento, o filósofo francês propôs, como foi visto, colocar em dúvida qualquer conhecimento que não seja claro e distinto.

Então, temos, a análise racional como acesso à verdade.

Este conhecimento pode ser obtido através da análise racional, com a qual é possível apreender a natureza verdadeira e imutável das coisas.

2. O Criticismo: a solução de Kant

A dicotomia entre racionalismo e empirismo perpassa toda a filosofia dos séculos XVII e XVIII.

A possibilidade do conhecimento efetivo e absoluto, afirmado pelos racionalistas e negado pelos empiristas é estudada detalhadamente pelo filósofo Immanuel Kant (1724-1804).

A solução para a oposição entre o racionalismo e o empirismo foi chamada por ele mesmo de “Revolução copernicana da filosofia”, numa referência à revolução paradigmática feita por Copérnico na astronomia, que mudou nossa visão do mundo e de sua posição no universo (heliocêntrica).

De certo modo, Kant tentou provar que tanto os inatistas (os racionalistas, que consideravam certas ideias inatas na alma) quanto os empiristas estavam equivocados.

Segundo Kant os conteúdos do conhecimento não eram inatos; eram adquiridos pela experiência.

- Kant postula que a razão é inata, mas é uma estrutura vazia e sem conteúdo, que não depende da experiência para existir.

A razão fornece a forma do conhecimento

e a matéria é fornecida pelo conhecimento.

Desta maneira, a estrutura da razão é inata e universal, enquanto

os conteúdos são empíricos, obtidos pela experiência.

Baseado nestes pressupostos, Kant afirma que o conhecimento é racional e verdadeiro.

21. Mas não temos acesso “à coisa em si”

- Segundo o filósofo, não podemos conhecer a realidade das coisas e do mundo, o que ele chamou de noumeno, “a coisa em si”.

Conhecemos o que tem a forma que organizamos

- A razão humana só pode conhecer aquilo que recebeu as formas (cor, tamanho, etc.) e as categorias do sujeito do conhecimento (elementos que organizam o conhecimento),

A realidade, portanto, não está nas coisas (já que não as podemos conhecer em última análise), mas em nós.

Vemos o mundo “filtrado e processado” pela nossa razão, depois que as percepções passaram pelas categorias, (alto, baixo, gordo, magro, feio, belo, justo, injusto, etc=MM)

22. Depois de Kant

A Teoria do Conhecimento tomou um rumo bastante diverso daquele do racionalismo e empirismo originais.

A polêmica continua...

A solução dada ao tema pelo filósofo de Königsberg não eliminou as discussões, mas deu-lhes uma profundidade muito maior.

23. E como a Fenomenologia encara essa questão do conhecimento verdadeiro?

- Tentaremos refletir sobre isso no próximo módulo
- Obrigada pela Escuta Atenta e até Novembro próximo!

Anexo: O Epicurismo

A teoria do conhecimento dos epicuristas (que eles chamavam de canônica) é o **empirismo**, isto é, reduz toda a origem do conhecimento à experiência sensível. As repetidas experiências dos sentidos, preservadas pela memória, dariam nascimento às antecipações (em grego: prolepsis), equivalentes às noções gerais ou conceitos. Quando se ouve a palavra homem, por exemplo, antecipa-se a presença real e efetiva de um homem, sem que o mesmo esteja sendo apreendido de fato por qualquer dos sentidos. As prolepsis teriam a função de classificar as experiências e fixar seus limites de variação. Seriam em si mesmas verdadeiras, pois simplesmente registram e preservam as diferenças e semelhanças encontradas na experiência sensível.

Depois que se possui um número suficientemente grande de prolepsis, podem-se formar juízos, verdadeiros ou falsos. A verdade de um juízo pode ser provada, segundo os epicuristas, de duas maneiras. Quando o juízo diz respeito a algo observável pelos sentidos, o critério é pura e simplesmente a concordância entre o juízo e os fenômenos sensíveis correspondentes. O segundo critério de verificação da verdade de uma proposição refere-se aos juízos sobre fenômenos não passíveis de observação através dos sentidos. Nesse caso diz-se que uma certa proposição é verdadeira se não entrar em contradição com outros dados fornecidos pela experiência (critério da não-infirmação). Os fenômenos adotados como prova são apenas signos de uma realidade invisível. Por exemplo, segundo a doutrina atomista, adotada por Epicuro, “todos os corpos, por mais compactos que sejam, possuem interstícios vazios dentro deles”. Esse juízo não é atestado diretamente pelos sentidos; mas, se não for admitido como verdadeiro, também não seria verdade que “a água destila através das rochas”, ou que “o calor e o frio passam através das paredes” (in WWW.culturabrasil.pro.br/oepicurismo.htm (acessado em 15 Outubro de 2012))

Bibliografia

1. BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de Filosofia*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro: 1997, 437 p.
2. HESSEN, Johannes. *Teoria do Conhecimento*. Martins Fontes. São Paulo: 2003, 173 p.
3. HÖFFDING, Harold. *A brief history of modern philosophy (Uma breve história da filosofia moderna)*. The MacMillan Company. New York: 1935, 324 p.
4. MONDIN, B. *Introdução à filosofia*. Edições Paulinas. São Paulo: 1980: 272 p.
5. WERKMEISTER, W.H. *A philosophy of science (Uma filosofia da ciência)*. Harper & Bros. Publishers. New York: 1940, 551 p.
6. Declínio da escolástica medieval, Ockham e Ockhamismo
7. Os neoplatônicos e o Neoplatonismo – História da Filosofia Antiga
8. COHEN, Hermann. ;
9. HUME, David. *Investigação Sobre o Entendimento Humano*
[WWW.culturabrasil.pro.br/oepicurismo.htm](http://www.culturabrasil.pro.br/oepicurismo.htm) (acessado em 15 Outubro de 2012)
10. ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires *Filosofando: Introdução à Filosofia*. Editora Moderna. São Paulo - 1993.

FIM